

ENTREVISTA com Marcella Althaus-Rheid*

Sandra Duarte de Souza**

Luiza E. Tomita***

Mandrágora: Marcella, fale um pouco sobre a sua formação, seu trabalho, como foi parar na Escócia?

Marcella: Eu estudei Teologia no ISEDET, em Buenos Aires. Minha formação teológica é toda baseada na TdL, com Bonino, Beatriz Melano, Severino Croatto e outros. Fui estudante na época e militante da teologia. Como professora, me interessou o método de Paulo Freire, o método dialógico. Mais que o democrático, entendo o método dialógico como sendo o coração da TdL. Quero uma teologia dialógica com Deus para deslocar o relacionamento hierárquico com ele, pois quero contextualizar, enquanto mulher, que é uma experiência distinta da de outras pessoas. Quis fazer as experiências mais caóticas. Venho de uma família pobre, tive a experiência do governo militar, de uma Igreja muito dura. Lutei muito para fazer meu bacharelado em teologia. A igreja de minha comunidade também um dia me fechou a porta e eu, persistente que sou, fui e bati com meus sapatos até que abrissem a porta, mas

* É doutora em Teologia Sistemática e leciona Teologia Prática e Ética Cristã na Universidade de Edinburgh, na Escócia. Estudou teologia no ISEDET, em Buenos Aires, no final dos anos 70, tendo como professores Bonino, Beatriz Melano, Severino Croatto e outros teólogos da libertação.

** É doutora pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Coordenadora do Grupo de Estudos de Gênero Mandrágora/NETMAL.

*** É doutora pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, membro do Grupo de Estudos de Gênero Mandrágora/NETMAL e coordenadora teológica para a América Latina da ASETT – Associação Ecumênica dos Teólogos do Terceiro Mundo.

não me permitiram que me sentasse. Foi uma experiência muito dura, e isso só fez com que eu me tornasse mais lutadora. O sofrimento me fez sentir um rompimento por dentro, e isto me mostrou a necessidade de romper com a forma de pensamento controlador e moralista de certas instituições. Fui para a Escócia para trabalhar com os pobres, para um trabalho secular, utilizando as idéias de Paulo Freire. Consegui continuar lá meus estudos de Pós-Graduação e Teologia. Até que consegui emprego na Universidade de Edinburgh onde hoje leciono Teologia Feminista, Marxismo e Teologia, Teologia e Pós-Modernidade, Teologia e Globalização.

Mandrágora: Você escreveu o livro *Teologia Indecente*, muito comentado por teólogas de língua inglesa. O que é a Teologia Indecente? O que ela tem de subversivo? Por que você convida as mulheres a fazerem uma “teologia sem calcinhas”?

Marcella: Utilizo a metáfora da sexualidade porque acho que é uma metáfora que nos mostra a concretude da vida. Quando convido as mulheres a fazerem uma teologia sem calcinhas, pretendo chama-las a fazer uma teologia metafórica, provocativa, subversiva. E, mais que tudo, acho importante a perspectiva ética na elaboração teológica. É indispensável fazer uma teologia a partir do seu contexto, uma coisa que os teólogos da libertação se esqueceram de fazer. Por isso, quando proponho às mulheres fazerem uma teologia sem calcinhas, é uma forma de lembrá-las quem são, o que sofrem, a violência por que passam. É uma forma de fazer teologia contextual, uma teologia a partir de sua experiência de mulheres. Entendo o tema da subversão como um tema ético.

Mandrágora: Qual a importância da sexualidade para a elaboração teológica, visto que você denomina sua teologia de Teologia Sexual?

Marcella: Faço uma teologia articulando a sexualidade com a economia, uma Teologia Política, pois meu objetivo é dar substância à teologia. Quero uma teologia integral, porque são as

mulheres as que mais sofrem com os paradigmas sexuais da Igreja, quaisquer que sejam, como mulheres casadas, solteiras, hetero ou homossexuais, etc. Há que se desvelar a ideologia heterossexual do Cristianismo. A Igreja Católica oculta a sexualidade, de todas as formas. Por isso há que desvelá-la, ter coragem, ser independente das estruturas da Igreja. Mas há que ser subversiva: pensar Deus através da experiência e essa experiência tem que ser a do pobre, do marginalizado. Para mim, todas as mulheres são pobres porque sofrem a exclusão da Igreja e da Academia. Temos que pensar a teologia a partir de nossa experiência de marginalidade sexual. Que nos diz a experiência de Deus, a nós mulheres? Creio que é encontrar a Deus no meio de nossa sexualidade, enquanto amor, justiça, solidariedade. A Teologia da Libertação quis nos mostrar Deus a partir dos textos bíblicos, das Cartas, da Tradição. Buscava-se a tradição para saber o que se dizia sobre Deus e a sexualidade. A pergunta é: o que diz a sexualidade sobre Deus? Nós, mulheres, temos uma experiência sexual sobre Deus, que é uma experiência de amor, afetividade, relacional. Não é uma teologia que vai de Deus à sexualidade, e sim que vai da sexualidade a Deus. Ela nos mostra uma forma de amor e, nesse sentido, vai mais além da sexualidade reprodutiva.

Mandrágora: Gostaríamos que você nos falasse por que defende uma identidade “queer”, difícil de se traduzir para o português.

Marcella: De fato, a teoria “queer” é difícil de se definir, podendo ser traduzida por “transviado”, “desviado”, “transexual” etc. É ambígua, livre, fluida. É um gênero. Eu gosto dela porque me faz sentir reflexiva. Judith Butler a usa para falar de uma sexualidade sem exclusão, mas baseada na justiça e na solidariedade. A teoria “queer” não tem uma perspectiva política, mas eu agrego esta perspectiva a ela. Os grupos “queer” mostram uma força de liberdade, pois eles não se deixam definir. (Trata-se de uma realidade repetitiva de sexualidade que fala da

sexualidade das pessoas e de Deus enraizado no contexto sexual).

Mandrágora: Você é muito crítica sobre a heterossexualidade. Por quê?

Marcella: A heterossexualidade é um paradigma prevalente em toda teologia, seja ela clássica, da libertação, vinda da Ásia, da África, da Europa ou dos Estados Unidos. Essas teologias afirmam a heterossexualidade como certa, que é um padrão que não se discute. É a forma de organização de várias sociedades patriarcais como a família e a Igreja. Por meio dela, os dogmas sobre a Trindade, a graça e o amor de Deus, determinam como regulamos nossos afetos. As teologias gay e lésbica questionam o tema do sujeito não heterossexual. No fundo, questionam a forma como a teologia está tradicionalmente organizada. Elas procuram desmistificar o sistema heterossexual. Eu também procuro fazer isso, mas não desde uma única perspectiva. Busco fazê-lo a partir de uma perspectiva bissexual, travestida, fetichista, colocando tudo em diálogo para apostar em várias formas de relação. Gosto da idéia da amizade proposta por algumas teólogas, por exemplo. Na relação de amizade – e aí lembrando da perspectiva teológica de Mary Hunt “Fierce and Tenderness” para falar do amor entre lésbicas – não existe a hierarquia, que, infelizmente, existe na relação sexual homem – mulher. Isso é típico das lésbicas. A relação de amor entre duas mulheres é de amizade. Por exemplo, ouço muita gente dizer: “Não dá para ter amizade com Deus, porque ele é superior”. Eu acho que pensar Deus como amigo define a relação com Deus de uma forma totalmente diferente, não hierárquica. A heterossexualidade já está tão arraigada, que falar em homossexualidade na teologia e nas relações dentro da Igreja é perigoso porque pode implodir tudo! O que ficaria? O Deus “queer”, o Deus estranho. Fica o Cristo, mas um Cristo diferente. Estamos falando do futuro das mulheres, introduzindo uma forma diferente de ser igreja.

Mandrágora: O que significa um “Deus Queer”?

Marcella: Entendo o “Deus Queer” como um Deus diferente de tudo o que se pensou até agora, que foge dos regimes da “normalidade” que é construída, sobre os quais temos que suspeitar, questionar. Um “Deus Queer” é um Deus que tem que ser descoberto. Para as mulheres é uma forma de pensar e relacionar-se com Deus de uma forma totalmente diferente. Nós não queremos destruir, mas queremos algo novo, queremos mudar o piso da Igreja. É um Deus que não tem presente, não tem passado, não tem futuro, mas a quem se pode encontrar obliquamente. Pensar Deus de forma oblíqua quer dizer que ele pode ser pensado de maneira diferente, de uma forma em que nunca se pensou antes. Na teologia patriarcal sempre se recorre à tradição, à autorização. E nós queremos um Deus “não autorizado”, que não foi pensado antes, que não necessita de uma história. Vejam que Jesus não foi autorizado. O Espírito, tampouco: ele está sempre soprando, atuando, abrindo portas o tempo todo. Pensar obliquamente significa que não precisamos ser autorizadas, que não precisamos da autorização de ninguém. Isto nos faz agentes teológicas, agentes morais e aí é que se pode pensar na encarnação, que o Espírito se encarna em nós, em nossa experiência e por isso não precisamos de autorização. O tema da encarnação adquire, então, uma outra perspectiva: ela acontece em nossa vida principalmente através dos atos de solidariedade.